

AS COLONIAS DE GUINÉ E A MEDICINA PREVENTIVA

Comunicação lida pelo Sr. M. Ferreira Ribeiro, na sessão de 10 de Junho de 1871.

(Conclusão)

O mar de Guiné recebe as aguas de caudalosos e extensos rios, sendo tres os principaes, Labão, Camarões e Niger, de cujo delta hei de fallar por muitas vezes. N'este mar, propriamente chamado golfo, ha vastissimas e numerosas enseadas, praias notaveis e dois grandes golfos, apparecendo no seu extremo meridional, á flor de agua, as cumeadas de uma extensa cordilheira de montanhas, onde se estabeleceram os portuguezes ha mais de quatro seculos, e que encontraram despovoadas. Chamo a attenção dos illustrados membros da sociedade de sciencias medicas para esta circumstancia.

As ilhas de Anno Bom, Principe, Corisco, S. Thomé, Fernão do Pó e Mondeleh não estavam habitadas quando os portuguezes as avistaram no meio do mar, no seculo xv. Algum cataclysmo immenso, fazendo refluir as aguas sobre aquella parte da terra, submergiu vastissimos terrenos, ficando apenas descobertas as partes mais altas de uma cordilheira que se estendia desde Anno Bom a Mondeleh e aos montes Camarões. Uma linha recta, traçada no mesmo plano que o equador, passa sobre as principaes ilhas e forma um angulo de 50 a 52 graus, olhando para o continente da Africa.

Estive eu n'uma d'estas cumeadas, conhecida em geographia com o nome de ilha do Principe. Imagine-se uma pyramide rectangular cuja base assenta no meio das aguas, formando um rectangulo de 72 milhas quadradas e cujo vertice sobe a 800 metros da superficie do mar.

Os portuguezes occupam um ponto ao pé do mar, e não passam de uma ou de outra encosta em suave declive ou de uma ou de outra planicie que se forma entre montes que se dependem aqui para se reunirem alem e acabarem no celebre *Pico do Papagaio*.

A 73 milhas d'esta cumeada encontra-se uma outra formando um cône, cuja base é mais vasta. Perfaz 272 milhas quadradas e offerece vastas planicies, tendo tambem no centro um elevado monte, que se conhece com o nome de Pico de S. Thomé. Eleva-se este rio a 3:200 metros. Os portuguezes têm-se alargado mais n'esta terra, chegando alguns a levantar os seus estabelecimentos sobre montes não pequenos.

Tenho examinado seriamente a disposição d'estas ilhas, tendo feito um estudo compara-

tivo, segundo o tempo e as circumstancias m'o têm permittido.

A mortalidade espantosa que se tem dado entre os europeus que têm procurado aquellas ilhas tem fixado muito a minha attenção.

Fundeou um navio no porto de S. Thomé. O governador da ilha mandou convidar o seu commandante para vir passar um dia a terra. O commandante accitou o convite e trouxe em sua companhia para terra creados e alguns officiaes mais graduados do navio. Vieram sete pessoas para terra.

No fim de poucos dias tinham morrido seis, e aquelle que escapou viveu sempre enfezado.

Chamo a attenção dos illustrados membros d'esta sociedade para este facto que é real.

Vejamos o que tem succedido n'outros pontos comprehendidos entre um parallelo de 6 1/2 graus, a contar do Equador, isto é, da ilha de S. Thomé para o norte. Em toda esta minha exposição não saio fóra dos paizes proximos ás praias banhadas pelas aguas do mar de Guiné. Só desejo comparar os principaes logares comprehendidos dentro de uma faixa de largura de 6 graus.

Em 1830 tentaram-se primeiras viagens ao vasto delta do Niger, paiz essencialmente miasmatico. Os viajantes que começaram aquellas digressões scientifico-exploradoras foram victimas das febres paludosas degeneradas em perniciosas e sob todas as suas outras graves fórmas.

Entre tentamens e viagens mais ou menos completas passaram-se onze annos, que deixando grandes descobertas para a sciencia geographica nada adiantaram sob o ponto de vista medico.

Na viagem feita em 1841 formou-se uma estatistica, que eu dou aqui em resumo, tomando apenas os algarismos que servem para lançar luz na minha exposição.

Entrou no delta do Niger em 1841 a seguinte população:

Europeus.....	141
Africanos.....	185
	—
Total....	326
Europeus doentes.....	130
Africanos doentes.....	11
Europeus mortos.....	40
Africanos mortos.....	—

Esta estatistica tem alta significação. Mostra que a resistencia dos africanos á acção dos miasmas é incontestavel, emquanto que os europeus são victimas d'aquelle envenenamento.

A viagem de 1841 seguiu-se outra em 1851 muito e muito notavel em seus resultados para a geographia e para o commercio, mas sem a menor vantagem sob o ponto de vista medico.

Os doentes foram muitos e muitas foram tambem as vitimas.

Em todas estas viagens os individuos se collocavam sob a protecção das leis e regras practicas da hygiene. E essa deusa da saude deu o que podia dar.

Em 1854 tentou-se nova viagem. Um pequeno vapor *Pelyades* penetrou o interior do delta do Niger. A seu bordo iam sessenta e seis pessoas, entre europeus e africanos, e durante cento e dezoito dias ninguem adoeceu! O theatro onde se passou esta ultima exploração scientifica era o mesmo e nas mesmas condições.

A que se deve tão grande milagre?

Thomás Hutchinson, medico e naturalista, foi o encarregado da direcção medica d'aquelle navio. Os desastres das viagens passadas fizeram-no tomar uma resolução definida. Se a hygiene não salvou a tripulação e passageiros de tantos navios que penetram o delta do Niger; aquella que lhe tinha sido entregue não devia limitar-se a receber os conselhos hygienicos. Poz em pratica a medicina preventiva.

Todas as manhãs os passageiros e a tripulação tomavam uma solução de sulphato de quinina. E foi tão positivo o resultado, que não se declararam os symptomas da mais leve intoxicação paludosa.

Está portanto demonstrado que o sulphato de quinina se deve empregar diariamente na dose de 6 a 8 grãos, quando se penetrar uma ou outra região paludosa por um tempo determinado, que não exceda a cento e dezoito dias, ou, como querem outros, até seis mezes, pouco mais ou menos.

Dei este desenvolvimento á minha communicação a esta sociedade, a fim de tornar bem saliente a sua importancia, não só sob o ponto de vista geral da colonisação da Africa portugueza, mas especialmente com o fim de salvar a vida de tantos empregados que procuram aquellas terras, e dos infelizes deportados que são entregues a sua morte quasi certa.

Pode tomar-se o sulphato de quinina diariamente e por tempo illimitado sem prejudicar a saude, e prevenindo as febres paludosas e não perdendo o seu effeito curativo ou therapeutico?...

É este o ponto essencial para o qual chamo a attenção dos membros d'esta illustrada so-

cidade, pedindo-lhe com todo o empenho o seu esclarecido conselho.

Ao fechar esta communicação, cumpre-me dizer que tenho estudado este ponto de medicina preventiva, a que alguns auctores francezes dão muita attenção. É agora occasião de fazer notar o trabalho do Sr. João Francisco Barreiros. Refiro-me ao *Tratado de hygiene naval* de J. B. Fonssagrives, vertido em linguagem vulgar por aquelle cavalheiro. E n'esta obra notavel a muitos respeito depararam-se-me trechos importantes, em que se demonstra com muito rigor que o sulphato de quinina se deve applicar áquellas pessoas que vão por algum tempo á Africa.

Thomás Hutchinson considera o sal de quinina como tonico e reputa-o preventivo das intoxicações paludosas, e por consequencia de anemias, de cachexias, de febres perniciosas e de todo o cortejo de gravissimas complicações que as acompanham.

Fonssagrives quer que se ajunte dose diaria, como preventiva, a dose therapeutica; quando porventura appareçam accessos de febre em quem usa d'aquelle meio preventivo. Não faça a transcripção de muitos trechos de Fonssagrives, João Francisco Barreiros, Thomás Hutchinson, Dutroulau e Jacques Lind, sabio inglez, traduzido por Thion de la Chaume, não só para não me tornar fastidioso, mas porque espero que os sabios que me ouvem tornarão com as suas observações bem clara a proposição que submetto á sua esclarecida apreciação.

Entre nós não ha estudo algum a respeito da medicina e therapeutica tropical. Recebemos o que Dutroulau nos diz das colonias francezas; lemos os relatorios e os livros dos medicos coloniases inglezes e os relatorios dos nossos medicos não tem sido publicados na maxima parte. Ha por isso uma lacuna immensa a preencher, e eu espero a coadjuvação da sociedade das sciencias medicas para se dar o maior impulso possivel a este ramo especialissimo de medicina. Illustre pelos seus trabalhos, notavel pelas suas discussões, conhecida entre nacionaes e estrangeiros, a respeitabilissima sociedade das sciencias medicas presta util, fecundo e nunca esquecido serviço ás nossas colonias e a Portugal, interessando-se pelas communicações a respeito da medicina dos tropicos.

O que é incerto, ficará esclarecido e determinado, o que é bom e util ficará conhecido e divulgado; o que é desconhecido ficará estudado ou posto na verdadeira senda de chegar a ser descoberto; onde não ha sciencia. será

creada e ficará escripta; onde só ha treva, apparecerá finalmente a luz.

Manuel Ferreira Ribeiro,

Facultativo de primeira classe da provincia de S. Thomé e Príncipe.

Jornal da S. de S. M. de Lisboa.

HYGIENE PUBLICA

Relatorio sobre a epidemia que reinou na cidade de Buenos-Ayres em 1871, apresentado a S. Ex. o ministro e secretario dos negocios do imperio, o Sr. conselheiro João Alfredo Correia de Oliveira, pelo Dr. Luiz Alvares dos Santos, professor de botanica e zoologia do lyceu da Bahia e de materia medica e therapeutica da faculdade de medicina da mesma provincia.

(Continuação do n. 119)

12—*Temperatura elevada.*

Tenho até aqui referido as causas permanentes que determinavam em Buenos-Ayres, o apparecimento de qualquer epidemia com todo o desenvolvimento e lethalidade e talvez de preferencia a da febre amarella.

Agora me vou occupar da que, parece, deu reunida com essas e com a de que tratarei já, o caracter especial á molestia que reinou epidemicamente. Todos os jornaes de Buenos-Ayres são unanimes em asseverar que o calor foi naquelle verão (fins de 1870 e principio de 1871) o mais ardente que ha muitos annos se tinha experimentado. De muitas pessoas que sobreviveram á epidemia e que vivem ainda em Buenos-Ayres ouvi eu a mesma asseveração. O thermometro foi além de 103° (*Fahrenheit*) e 33° (*Reaumur*). Era apenas o que faltava a Buenos-Ayres, onde todos os elementos se achavam accumulados de ha muito tempo, para que a epidemia fizesse a erupção do germen especial. A elevação de temperatura em um lugar dará ou não a esse lugar o caracter de um clima da zona torrida, onde se creê que são endêmicas certas epidemias?

Dutroulau, em seu precioso trabalho (*Molestias dos Europeos nos paizes quentes*) diz « É provavel que é á elevação da media thermometrica annual, caracteristica dos climas quentes, que é preciso accusar só no predomínio da temperatura na etiologia da febre amarella. É somente depois dos estios quentes que tem mantido o thermometro tempo bastante nessas condições para estabelecer a similhaça com os climas de febre amarella, que certos pontos das regiões temperadas são susceptiveis de se deixar invadir pela febre amarella. » Nem vejo razão para impugnar tal doutrina, e portanto a acceito. Sem que me seja licito affirmar que foi de febre amarella a epidemia que reinou em Buenos-Ayres, antes de referir-me á sym-

ptomatologia, que encontro descripta em alguns periodicos d'aquelle tempo, a qual tambem me foi exposta por medicos argentinos e estrangeiros que observaram a epidemia no theatro de seus estragos, devo invocar aqui o facto já observado na sciencia de que a febre amarella não tem linhas definidas nos climas do globo para seu apparecimento. Até certo tempo acreditou-se que a febre amarella só podia desenvolver-se nos climas quentes e na margem do mar; porque os focos endemicos d'esse flagello na America tinham ficado concentrados até então nas margens do golpho do Mexico e nas grandes e pequenas Antilhas. Mas (diz ainda Dutroulau, o medico que tem estudado esta molestia com mais attenção e com mais consciencia) « as invasões epidemicas afastam-se todos os dias cada vez mais de seus focos primitivos, e não vejo eu que seja preciso traçalhes um limite. »

De certo em 1849 começou um novo periodo epidemico dessa molestia assustadora. Importada em Setembro desse anno para o Brasil (como tão autorizadamente o acaba de provar o Sr. Dr. Rego, em seu importante trabalho sobre as epidemias) pelo brigue *Brasil* vindo de Nova-Orleans, ella desde então se torna endemica no imperio para invadir depois outras latitudes. Em 1850, invade Cayenna na Goyana Franceza, que estava esquecida da apparição alli da molestia no principio deste seculo. Em Novembro de 1852 vai a bordo do navio *La-Plata* fazer victimas em Southampton, o que causou grande surpresa em razão das ideias de geographia medica aceitas. Em 1857, oito annos depois que invadira o Brasil, ataca a cidade de Lisboa, fazendo estragos immensos, que atterravão especialmente aquelles, que acreditavam em immuniidade de pontos geographicos do globo contra as epidemias.

E nesse mesmo anno fazia iguaes estragos na cidade Montevideo, bem como em 1858 muitas victimas em Buenos-Ayres, começando pela parochia de S. Telmo. Em 1870, segundo a opinião de alguns facultativos desta ultima cidade, deu-se o facto (que se acha registrado nos relatorios do governo daquella provincia) do apparecimento de casos de febre amarella em um hotel sito na rua de *Cangallo* (hotel de Roma) para onde dizem tinham-se hospedado algumas pessoas vindas com a febre amarella, que n'esse tempo reinava epidemicamente em Barcelona.

O *Standard* diz que fizera por esse tempo 100 victimas.